

UM BUSTO RELICÁRIO A PROCURA DE AUTORIA: FREI AGOSTINHO DA PIEDADE?

Hélio de Oliveira

Conservador e Restaurador de Bens Culturais Móveis e Integrados

Museólogo

vilafelizhelio@ig.com.br



Figura 1: Registro iconográfico da Igreja do antigo aldeamento de São Miguel do Guajiru, quando concluído em 1755. Fotografia do final do século XIX.

156

Introdução

Este trabalho tem como objetivo apontar características de um busto relicário de terracota, de propriedade da Igreja Matriz de Extremoz, Rio Grande do Norte, lançando-se a hipótese de que a peça seja de autoria de Frei Agostinho da Piedade. Este estudo é parte integrante de um longo trabalho desenvolvido durante três décadas¹, de 1981 a 2011, quando se passou a mapear a imaginária sacra cristã do Rio Grande do Norte. O Estado foi dividido em três regiões: Arquidiocese de Natal, Diocese de Mossoró e Diocese de Caicó. A princípio, preocupou-se principalmente com o estado de conservação do acervo. Num segundo momento, passou-se a fazer o registro de identificação da peça: leitura formal, registro fotográfico e buscou-se junto à comunidade informação oral a respeito do acervo. Posteriormente, trabalharam-se as referências iconográficas, históricas e estéticas.

Visitando a igreja da Cidade de Extremoz², cuja paróquia pertence à Arquidiocese de Natal, tomou-se de surpresa ao constatar que o acervo da igreja Matriz separava-se em grupos distintos: três imagens com requintes de erudição – São Miguel, Nossa Senhora dos Prazeres e Senhor Morto –, todas do século XVIII, em madeira, douradas e policromadas, provavelmente de origem portuguesa pela característica do suporte, conforme análise científica denominada de *Pinus sylvestris*, *Pinaceae*, popularmente conhecida como – Pinho-de-Riga³; um par de terracotas composto por São Francisco Xavier e Santo Inácio de Loiola, século XVII; um São Sebastião atado a um cardeiro⁴ com biótipo indígena, em madeira policromada, transição

¹ Inventário realizado por Hélio de Oliveira durante três décadas de forma voluntária, pessoal e sem patrocínio.

² Cidade oriunda do primeiro aldeamento jesuítico implantado no Estado do Rio Grande do Norte. A presença jesuítica nessa região se deu desde o final do século XVI. Mas, o aldeamento só foi registrado no Catalogo da Companhia em 1683.

³ Laudo técnico do Instituto de Pesquisa Tecnológica - IPT, São Paulo. 2006.

⁴ Nome popular do mandacaru que é uma planta da família das cactáceas. É comum no nordeste brasileiro, atinge até mais de 5 metros de altura. Planta altamente espinhosa e utilizada na alimentação do gado nas grandes estiagens.



Figura 2: Busto Relicário de Extremoz, barro cozido, século XVII.

século XVII/XVIII; quatro imagens de fatura mais popular – Nossa Senhora das Dores, Senhor dos Passos, Santana Mestra e Nossa Senhora da Soledade (roca) –, em madeira policromada, datadas do século XIX e; procedente do antigo aldeamento jesuítico de Guajiru de São Miguel, atual Extremoz. Já era do nosso conhecimento o par de terracotas douradas e policromadas do século XVII, que se encontra atualmente no Museu de Arte Sacra do Estado, além da imagem de Nossa Senhora do Rosário, em madeira dourada e policromada, transição século XVII/XVIII.

157

No entanto, nossa maior surpresa estava na sacristia – depósito –, a meia luz, sobre um *étajer*, fora do alcance da mão, um busto relicário de terracota, pintado de marrom escuro, o que o tornava mais escuro ainda, totalmente diferente de todas as peças já referenciadas, tanto na forma quanto na estética. Conhecedor dos estudos do pesquisador beneditino, Dom Clemente Maria da Silva-Nigra⁵, logo se associou aquela peça a produção de Frei Agostinho da Piedade.

Histórico

No Rio Grande do Norte as missões volantes começaram com os padres Francisco Pinto e Gaspar de Samperes, quando iniciaram a ação catequística nos últimos anos do século XVI. A partir de 1600 há vários registros de doações de datas de terras na Várzea dos rios Jundiaí e Ceará-Mirim e, até mesmo uma residência de “Pedra e Cal”⁶ na cidade do Natal. No entanto as missões volantes permaneceram até os dois primeiros quartéis do século XVII, apesar dos relatos dos padres seguidos de Pinto e Samperes, sugerindo redução de aldeamento, a fim proporcionar melhor assistência aos nativos. Essa prática só foi posta no Rio Grande do Norte após a expulsão dos holandeses que ocuparam a capitania de 1633 a 1654. Historicamente, vem coincidir com o regulamento instituído em 1686 sobre o Regimento e leis sobre as missões do Estado do Pará e Maranhão que, posteriormente, foi estendido para todos os estados do Brasil. Quando a Colônia retorna ao domínio Português, cria-se a Junta das Missões em Pernambuco, subordinado a que existia em Portugal.

No Estado foram instaladas cinco missões de aldeamento: Missão de Guajiru de São Miguel, Missão de Guarairas de São João Batista, sob a responsabilidade dos padres da Companhia de Jesus, no litoral, ambas registradas no Catálogo da Companhia em 1683 e, Missão de Apodi de São João Batista, no oeste potiguar, onde já estavam instalados antes de 1700. Missão de Mipibú de Santana dirigida pelos capuchinhos, em

⁵ Historiador que dedicou muitos anos de sua vida pesquisando a produção do Frei Agostinho da Piedade.

⁶ LOPES, Fátima Martins, 1999. p.91.



Figura 3: O Busto Relicário de Extremoz ladeado pelos Bustos Relicários de Santa Águeda e Santa Bárbara de Frei Agostinho da Piedade, ambos com base, semelhante ao de Extremoz. Observa-se também nestas peças a ausência das flores aplicadas.

1736 e a Missão de Igramació de Nossa Senhora do Desterro, administrada pelos Carmelitas Reformados que ocorreu por volta de 1730 e registrada no Livro de Tombo do Convento do Carmo de Recife, em 1740⁷.

Em 1679 os jesuítas começaram as instalações das missões de aldeamento de São Miguel do Guajiru composta de aldeamento, residência dos padres, hospício, hospedaria para viajantes, padres e a grande igreja com fachada em cantaria de arenito, concluída em 1755. Deste amplo conjunto urbanístico, só nos resta uma ruína composta por poucos paredões, que insistem em se manter de pé em protesto ao descaso e ignorância dos homens. Da belíssima igreja nos restou o registro iconográfico datada da última década do século XIX e o conjunto de imagens citadas anteriormente. (FIG. 1)

158

A tradição oral e os registros históricos relatam que, em 1890, João Vieira de Melo, trabalhando em um terreno que a Lagoa de Extremoz, ao secar, deixara a descoberto, encontrou enterrados três vultos de santos, modelados em barro vermelho escuro. As peças foram depositadas na igreja e o povo as batizou como os “santos aparecidos”⁸, denominação esta que chegou até nossos dias.

Câmara Cascudo, em sua Acta Diurna de 19 de julho de 1944, informa que solicitou ajuda, para proceder ao reconhecimento dos vultos, ao Bispo de Natal Dom José Pereira Alves⁹, que os identificou por: Santo Inácio de Loyola, São Francisco Xavier, e Santa Úrsula, “general das onze mil virgens”¹⁰. Hoje, o busto relicário atribuído a Santa Úrsula é aceito na comunidade como sendo de São João Evangelista.

Busto Relicário

O busto relicário (39 cm) (FIG. 2), identificado, no nosso entendimento, erroneamente como São João Evangelista, à primeira vista justifica-se. Informamos que a referência não procede, pois se trata de uma figura feminina e não masculina, apesar de que a representação de São João Evangelista sempre foi concebida de forma andrógena.

⁷ LOPES, Fátima Martins. 1999. p.160.

⁸ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna, 1934, p.4.

⁹ Dom José Pereira Alves, nasceu em Palmares em 5 de março de 1885 e exerceu a Diosece de Natal, no Rio Grande do Norte no período de 1923 a 1928.

¹⁰ CASCUDO, Luís da Câmara. Acta Diurna, 1934, p.4



*Figura 4: Conjunto demonstrativo dos tipos e formatos dos Relicários.
Observar a diferença existente em cada peça.*

Quanto às características formais e estéticas, em nada parece com as demais peças já apresentada dessa Igreja que são do século XVII, quando se deu a instalação do aldeamento. Exemplar único no Estado! Ímpar, a começar pelo tratamento e também em relação à forma: busto relicário, terracota, ricamente trabalhado, testa ampla, olhos com pálpebras entreabertas, nariz afilado, boca pequena e com pregas nos cantos, região nasolabial de forma trapezoidal, curvatura saliente entre a boca e a região mentolabial, pescoço vigoroso; dedos longos e roliços, panejamento ricamente decorado, cabelos com lindas madeixas bem arrumadas e harmoniosamente penteados. Ao centro, adereço que prende o meio-turbante colocado ao meio da cabeça; um ornato pende sobre a testa, sugerindo uma pedra preciosa, bem ao gosto indiano. Do ponto de vista anatômico, percebe-se as semelhanças entre as peças de Frei Agostinho da Piedade e o busto relicário de Extremoz.

159

Os estudos referentes à obra de Frei Agostinho da Piedade apresentam várias características, mas é perceptível que existe uma variante entre uma peça e outra, podendo ou não, o objeto de estudo ser encaixado com sendo do autor mencionado. Desse modo, passa-se fazer o confronto do objeto com as demais características das obras produzidas pelo Frei Agostinho da Piedade. Os bustos relicários variam de tamanho sendo que o maior, Busto Relicário de um Santo Papa, mede (61 cm) e o menor, Busto Relicário de São Plácido, mede (46 cm) e o Busto Relicário de Extremoz (39 cm), ou seja (22 cm) menor com relação ao maior e (7 cm) com relação ao menor; a forma dos relicários todos tem uma singularidade, não existindo nenhum igual ao outro, o que vem a corroborar com a tese levantada (FIG. 3). Os busto relicários apresentados por Silva-Nigra, geralmente não tem base, com exceção dos relicários que representam Santa Bárbara (54 cm) e Santa Águeda (50 cm), cuja base faz parte integrante do busto e são semelhantes ao de Extremoz; (FIG. 4) em todos há uma grande variação quanto a decoração que é rica e distinta. Quanto ao panejamento Silva-Nigra assim se expressa: “O corpete em forma de couraça está semeado de estrelinhas ou pequenas flores, elemento característico de Frei Agostinho da Piedade”¹¹. Observa-se que embora sejam um ponto forte na decoração da indumentária, só cinco trazem essa característica das ‘flores aplicadas’: Santa Cecília, Santa Escolástica, Santo Anselmo, Nossa Senhora do Montesserrate – de São Paulo – e Santa Catarina. No que se refere aos cordões de pérolas, essa é uma constante em quase todas as peças. Esse elemento não contempla o Busto Relicário de Extremoz. As fotografias do Busto Relicário de Santa Luzia e o do Busto Relicário de Extremoz mostram os perfis com suas semelhanças. (FIG. 5)

Se traçarmos um paralelo entre as características deste busto relicário, com os já famosos e conhecidos bustos relicários do beneditino Frei Agostinho da Piedade, logo se percebe que são semelhantes entre si.

¹¹ SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria da, p.25.

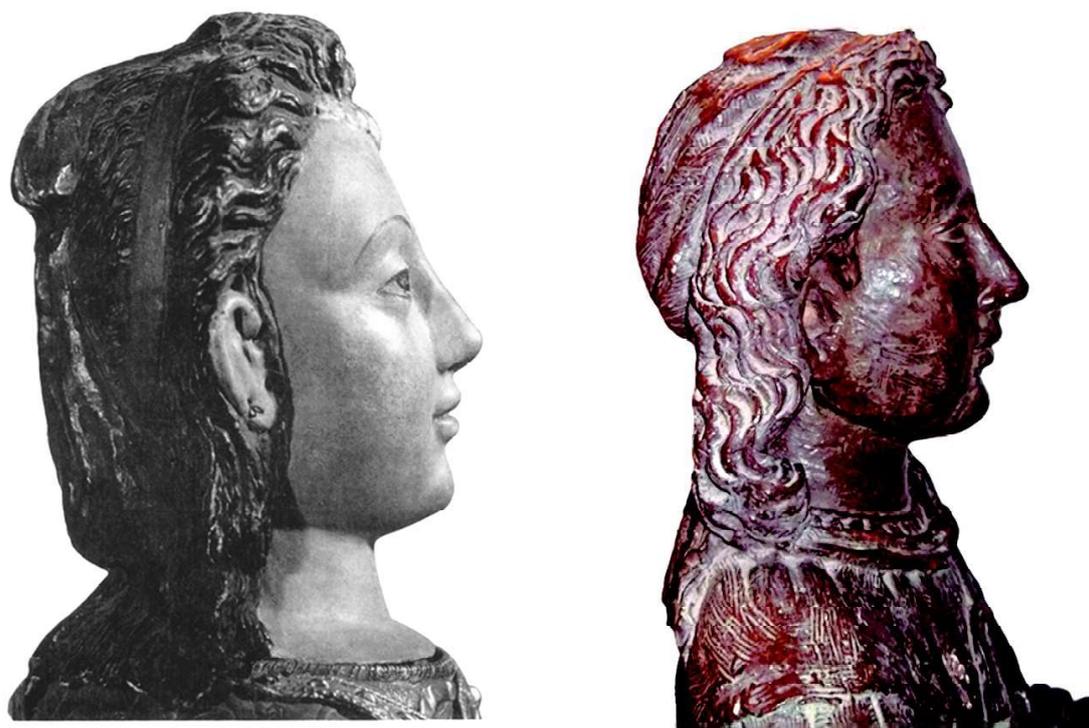


Figura 5: O Busto Relicários de Santa Luzia de Frei Agostinho da Piedade e o Busto Relicário de Extremoz. Observa-se também nestas peças a semelhança dos perfis.

Silva-Negra, quando começou a garimpar as peças de Frei Agostinho da Piedade, comentou: “Todos os outros bustos ou imagens de meio corpo do Mosteiro de São Bento ficaram expostos aos agravos do sol e das chuvas baianas durante vinte e seis anos...”¹². Continuando as análises sobre o conjunto da obra citada, o autor nos revela outro dado muito importante para esta nossa análise ao afirmar: “Depois de modelar as primeiras santas, virgens e mártires dos primeiros séculos do cristianismo (faltando o busto de Santa Inês, o qual talvez se perdeu)...”¹³ Essas colocações feitas pelo pesquisador motivou o questionamento a cerca do Busto Relicário em estudo.

160

Conclusão

Por causa da semelhança entre o Busto Relicário de Extremoz e as peças de Frei Agostinho da Piedade, é possível que ela seja de sua autoria. Se não for ele o autor, é provável tratar-se, possivelmente, de um dos seus discípulos, ou ainda uma cópia perfeita dos bustos relicários do Frei Beneditino.

Levanta-se o questionamento que o busto, hoje aceito na comunidade Extremoz como sendo São João Evangelista não seria possivelmente o verdadeiro Busto Relicário de Santa Inês, do Mosteiro de São Bento, uma vez que a identificação de São João Evangelista, no nosso entendimento, é totalmente errônea? Levando-se em consideração que os atributos que identifica o São João Evangelista são a águia, a taça envenenada, a caldeira de azeite fervente e a palma do paraíso, e a peça em análise não apresenta nenhum desses atributos descarta-se essa identificação.

Quanto ao questionamento inicialmente feito por Dom José Pereira Alves levantado a respeito da representação ser de Santa Úrsula, iconograficamente sua representação também não corresponde a esta hipótese, pois a Santa Úrsula porta em uma das mãos, a palma dupla, simbolizando o martírio e a virgindade; e na outra, uma flecha; geralmente, usa a coroa real.

Iconograficamente, Santa Inês é representada portando um livro, a palma e uma ovelha. É possível que a mão direita portando o punho da espada, seja alusiva ao martírio sofrido ao ser decapitada, embora, neste caso, a ovelha, seu principal atributo, não esteja representado. (FIG. 6)

¹² SILVA-NIGRA, Dom Clemente Maria da. 1971, p.25.

¹³ IDEM, 1971, p.25.



Figura 6: detalhe do Busto Relicário de Extremoz, mão direita portando o punho da espada.

Entende-se que o elemento mais forte para descartar a possibilidade de a peça não ser de Frei Agostinho de Piedade é o acabamento técnico da modelagem que não apresenta o polimento que as demais peças usadas para análise comparativa. No entanto, precisa-se levar em consideração que o Busto Relicário de Extremoz passou por uma desastrosa intervenção feita com pó de pedra e grossa camada de tinta marrom escuro em determinado espaço temporal ainda não identificado. Mesmo assim, chama-se a atenção para as marcas deixadas pela ferramenta empregada para desbaste, semelhante a um ‘pente’ que deixa visível as ranhuras.

161

Portanto, a pesquisa não se encontra concluída, mas com certeza será uma contribuição para a complementação de estudos futuros que possam confirmar ou não a autoria de Frei Agostinho da Piedade. Não se descarta a possibilidade de que o Busto Relicário de Extremoz seja de outro autor. Caso seja uma produção local feita por algum dos artistas religiosos, aqui no estado não se tem conhecimento de nenhuma outra peça até o presente, portando tais características, mesmo porque, todas as igrejas do estado já tiveram seu acervo mapeado.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. Os Santos de Extremoz. Acta Diurna, 4p. Jornal A República. Natal: 19 de julho de 1944.

CUNHA, Maria José de Assunção da. Iconografia cristão. Ouro Preto: UFO/IAP, 1993.

LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo I. Lisboa: Livraria Portugália, 1938. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1938.

LOPES, Fátima Martins. Missões Religiosas: Índios, colonos e missionários na colonização da capitania do Rio Grande do Norte. 210p. Dissertação (Dissertação de Mestrado) Recife: Universidade federal de Pernambuco, 1999.

MEGALLE, Nilza Botelho. Cento e Sete Invocações da Virgem Maria no Brasil. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

SILVA-NIGRA, Clemente Maria da Silva. Os dois escultores: Frei Agostinho da Piedade – Frei Agostinho de Jesus e o arquiteto Frei Macário de São João. Universidade Federal da Bahia. 1971.